

MUNDARÉU - UM PODCAST DE ANTROPOLOGIA
Uma parceria entre o LABJOR/Unicamp e o DAN/UnB

Série: “Mundo na sala de aula”

“Por uma Antropologia peripatética?”

Publicado: 28/09/2020

Legenda:

Blocos

Sonoplastia

Extras

ABERTURA

<<Música de Abertura: “Quem Canta”, música alegre, trecho instrumental>>

Zane: Oi, tá no ar mais um episódio da série Mundo na Sala de Aula. E, hoje, com vocês eu, a Zane do Nascimento, eu sou cientista social, mestranda em Antropologia pelo Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília (UnB) e integrante do Mundaréu.

Nelma: Olá! Sou a Nelma Rolande, a mãe da Magali, sou doutoranda em Antropologia pela Universidade de Brasília (UnB), professora de Arte do IFMA.

Zane: Este é mais um episódio da série Mundo na Sala de Aula. E a trama que vamos apresentar, atravessa histórias, encontros e diários de campo. Começa lá na Pavuna com a Clarice e a Iranice e percorre um pouco os cerrados maranhenses com a Nelma e o Jôjô. É um diálogo-encontro que se realiza na cozinha da Associação Mão Amiga, em um passeio na Feirinha da Pavuna; conta como a Nelma ouviu pela primeira vez o Jôjô, mestre do Povo Canela, narrar histórias sobre os ritos que envolvem mekarõ, cay, moços feitos e moços bonitos....

Nelma: Ops! Eu não era só convidada?

Zane: A Nelma, a princípio, ia ser a minha convidada deste episódio, mas no decorrer da produção, eu fui percebendo que a história da Clarice e Iranice entrecruza com a história dela e do Jôjô, então, essas duas narrativas funcionam aqui como se fossem diálogos-encontros.

<<Execução de um trecho percussivo da faixa “Axé de Aruanda” do grupo Filhos de Dona Maria>>

Bloco I: Clarice e Iranice

Zane: Reviremos as conversas prévias das apresentadoras do Mundaréu, Daniela e Soraya, com as convidadas do Episódio 7 da Primeira Temporada para imaginar melhor como as navegações

foram feitas pela Clarice para chegar à dirigente da Associação Mão Amiga, a Iranice. A Mão Amiga é uma associação de pais e mães de autistas que fica na Pavuna, um bairro no Rio de Janeiro, e que é coordenada pela Iranice. Para projetar a esfera desta pesquisa, é muito importante ter como chão a Pavuna. Tem um trecho bem bacana que a Clarice reforça como este bairro carioca ampliou o escopo da pesquisa dela. Vamos ouvir?

Clarice: <<som de fita k7>> Nossa formação em Antropologia, a gente suspeita de tudo, né, 'o que é especialização?'. Então, quando eu chego na pesquisa para escrever esse projeto para o comitê de ética a coisa central ali, o nó, é isso, pra mim, 1. A experiência desses pais e dos atores sociais envolvidos; mais acima de tudo, para mim, especificamente, o que é ser especializado em autismo? O que você precisa saber para trabalhar com autismo? O que você precisa saber para ser um autista no Brasil, no Rio de Janeiro? Pra ser a mãe de um autista? Já que, assim, a grande queixa é, não temos informação, não temos tratamento, estamos perdidos, não tem rumo, então, o que é que é? Além disso, você fazer pesquisa em um mundo complexo como o nosso, você não pode ficar só num lugar, é, restrito, né? Não posso tratar a Mão Amiga, a Associação Mão Amiga, como uma ilha lá dos Trobriand, né. <<som de fita k7>>

Nelma: Eh! Clarice, não pode mesmo. Essa menção que a Clarice faz às Ilhas Trobriand que estão situadas lá na Papua-Nova Guiné, Oceania, é uma referência sobre o processo pelo qual a antropologia ganhou status científico no trabalho do antropólogo Bronislaw Malinowski, e apesar da crítica à sua antropologia funcionalista, ele desenvolveu a observação participante, ficou mais de dois anos imersos na pesquisa onde ele registrava tudo que aprendia em um diário de campo, o famoso diário de campo, que é uma das muitas técnicas usadas até hoje em pesquisas na Antropologia.

Clarice: <<som de fita k7>> A Mão Amiga é uma casa ali na Pavuna bem perto da estação de metrô, Engenheiro Rubens Paiva. É uma casa, é uma casa adaptada, não é um lugar, uma Escola ou coisa assim, tem umas salinhas meio pequenas, é tudo um pouco precário, não tem muito dinheiro, é uma casa alugada. Mas eles têm, sabe, tem uma coisa... Uma coisa que me chamou atenção durante essa pesquisa, que não tem tanto a ver tanto com o lugar, mas tem a ver com o lugar, né, eles têm uma preocupação muito grande de... é... integrar os profissionais, de conversar, de estudarem juntos sobre o autismo. Os profissionais têm uma relação entre eles muito bacana, assim, de amizade, de... e que o lugar que aprendi mais ali foi na cozinhezinha que tinha ali, tem café e coisa e tal. Então, a princípio, eu pedi pra entrar no trabalho com a criança na sala, e aí eu ficava ali vendo exercícios, né, de fonoaudiólogo, de linguagem e tal, e não era tão interessante, né. Foi quando eu comecei a ficar mais de papo na cozinha, tomando café e comendo, né, bolacha, ouvindo, a zeladora, foi ali que eu fui, eu fui chegando mais perto, né? Dos pais e dos profissionais. Tem uma informalidade no espaço que é muito bacana. <<som de fita k7>>

Zane: Agora, vamos ouvir um pouco a Iranice para saber como a Clarice chegou até à Pavuna.

Iranice: <<som de fita k7>> A chegada da Clarice, eu não lembro o ano, mais ou menos quando foi, né, mas eu me lembro muito que ela ligou e ela marcou um encontro, né, com a gente, mas aí a gente convidou ela pra vir assistir a reunião de acolhida, aí ela veio, e falou da gente que queria fazer a pesquisa dela, que tava fazendo pesquisa sobre autismo. E ela continuou vindo,

assim, aí ela participando de alguns atendimentos, no grupo de adultos, depois ela participou no grupo de adolescentes. E ela começou fazendo essa pesquisa. A Clarice, assim, super bacana, como a gente fala, gente da gente, veio, e assim, a gente tem a Clarice na Mão Amiga como uma educadora, também, da Mão Amiga, uma pessoa que tá sempre lá, sempre resolvendo as coisas com a gente. Ela se tornou uma pessoa bem amiga nossa mesmo, e ela fez essa pesquisa, né, toda dentro da Mão Amiga. <<som de fita k7>>

Nelma: Quando eu ouço a Clarice Rios falar, né, sobre a sua entrada no campo, vejo como ela foi chegando, onde ela foi ficando ali, não são os lugares mais evidentes, mais oficiais dentro de uma associação comunitária. E... a Iranice do Nascimento, hoje, assistente social e sua filha, que se formou psicopedagoga, atuam na Mão Amiga para acompanhar o tratamento do Paulo Igor...

Iranice: <<som de fita k7>> Vamos se dizer, pra ele aprender a sair na rua, a andar sem esbarrar em ninguém, fui trabalhar com ele na Feira, da Pavuna, comprar as coisas com ele na Feira da Pavuna. A gente vai da minha casa até à Pavuna, em São José, a gente vai andando, caminhando. Ele passando no meio das pessoas, se esbarrar, pede licença. Não é só eles que esbarra, todo mundo esbarra em todo mundo, né. Consegui isso, né, consegui educar ele, é, a andar sem tá esbarrando nas pessoas, sem levar as pessoas no peito como ele fazia, porque ele é muito grandão, tem 1,80, né, e eu sou muito baixinha (risos), tenho um 1,60. Então, eu só via o chapéu, ele adora um chapéu, então, eu só via o chapéu dele lá na frente... <<som de fita k7>>

Zane: E a Clarice Rios não acompanhou somente o que acontecia dentro da casa da Mão Amiga. O bairro, a Pavuna, andar por tudo ali com a Iranice e seu filho, o Paulo Igor, também virou parte da pesquisa.

Clarice: <<som de fita k7>> Sempre me fascinou na Iranice é que ela tem isso, ela é uma pessoa extremamente bem-humorada, né, ela consegue brincar e rir das coisas todas, né, e, assim, generosa, amorosa, sabe, com os pais que estão ali. Eu acho, assim, uma pessoa que sempre pensa numa sabedoria, assim, profunda. Ela me tocou muito, né, e eu me lembro que a coisa que mais aproximou a gente, né, além dessa empatia, é... Eu tava nessa onda da experiência autista, né, de circular pelo... né, pra fora da casa, do espaço da casa, aí eu fui comentar isso com a Iranice, ela falou assim: “Ué, eu faço, eu vou passear com ele ali na Feirinha da Pavuna no sábados”, aí ela tinha todo um discurso pra explicar isso, “pra estimular a percepção, o espaço” e não sei o quê e trelelé, tinha todo uma justificativa terapêutica pra esses passeios, né, mas os passeios era, os passeios eram momentos que ela tinha com ele ali, era o momento dele sair de casa, né, ele segue sempre uma rotina, um padrão, ali nesses passeios em volta, né. Ela falou: “Ué, se você quiser, você pode vir comigo”. Eu falei: “Vou, vou, né”. Aí, eu comecei a acompanhá-los nesses passeios. Foi tipo um salto <<estala os dedos>>, né, foi sair da história da cozinha, né, para ir entrar na experiência mesmo diária, né, e é engraçado ter isso fora do ambiente doméstico, né, porque esses passeios foi assim, eram momentos que ele ia na frente andando, as calçadas de São João de Meriti são estreitas, muito carro, não tem sinal, você tem que atravessar ali no meio daquela zoeira, loja, barulho, né, mas ele vai determinado, ele anda na frente tranquilo, e ela atrás me contando de como que era, né, quando ela começou a fazer isso, que ele não tinha nenhuma noção, ele saía e via uma banca de jornal, ele saía pegando o que ele queria. Essa ideia de que você não pode pegar as coisas, né, porque isso não são suas,

né (risos), ela foi ensinando pra ele à medida em que faziam esses passeios, né. <<som de fita k7>>

<<Sonora de barulho de mata ao som de uma flauta que acompanha o canto de passarinhos, místico, calmo, agradável>>

Bloco II: Miolo. Nelma e Jôjô

Jôjô: Aqui, eu sou o Valdemar Guukiet-Canela, mais conhecido pelo apelido de Jôjô.

Zane: A voz que você tá ouvindo agora é do Jôjô, mestre de saber do Povo Canela e agente de saúde indígena da aldeia Escalvado, Maranhão. Assim como os demais episódios da série O Mundo na Sala de Aula, este também tem sido atravessado pelos desdobramentos da pandemia de covid-19. No decorrer das gravações, a Nelma Rolande deparou-se, a princípio, com uma dificuldade em retomar a comunicação com o Jôjô, mais tarde, ela descobriu o porquê. Já no final da produção deste episódio, tivemos a triste notícia que o Jôjô havia sido internado com complicações provocadas por uma outra doença. Vamos ouvir a Nelma para entender como tudo aconteceu?

Nelma: Eu passei a semana tentando entrar em contato com o Jôjô, primeiro descobri que o celular dele bagunçou e, por isso, perdemos o contato, mas aí eu consegui falar com sua filha Leiza Prãnkwy que me reconectou ao seu pai. Mas, aí a aldeia estava em festa, era preciso esperar, né, o tempo de festejar e o tempo para que Jôjô pudesse caminhar até a Escola, que é o lugar onde se conecta à Internet, lugar onde podemos continuar nosso diálogo que teve início em 2005. E aí eu expliquei para Jôjô sobre o podcast e sobre o convite para dialogarmos sobre nossa troca de experiências. É aí foi muito massa, assim, a receptividade dele em relação a dialogar sobre isso.

Zane: A festa que Nelma Rolande menciona é o ritual Ketuwajê. E neste ritual, os corpos dos meninos são ornamentados para representar os papéis sociais do povo Canela. Para nossa grata surpresa, este ritual foi o mesmo estudado por ela e que deu origem ao seu livro Moços Feitos, Moços Bonitos, publicado em 2017 pela Editora Oikos.

Nelma: E para contar como entrei no campo, ninguém melhor do que o Jôjô para narrar essa história.

Jôjô: <<passarinhos ao fundo do ambiente>> Vou lhes contar a chegada da professora Nelma. A Nelma veio, escolheu o lugar, a aldeia mais organizada, fez uma pesquisa aqui em 2005. No dia que a professora Nelma chegou, eu sei que a primeira chegada na Aldeia Escalvado, eu sei que ficou estranhada, parou, bem uns três dias. A professora Nelma, ela não pesquisou não foi através da leitura não, ela, pessoalmente, mesmo, ela viu o cemitério, o cemitério mesmo, e, depois, mudou para pintura corporal também. Pessoalmente, ela andou mesmo, andou, andou no campo mesmo.

Zane: Assim como perguntado para Iranice sobre a chegada da Clarice, também pedimos ao Jôjô para narrar a chegada da Nelma. Isso porque notamos que no trabalho da Nelma, ela não

trata o Jôjô apenas como seu interlocutor. Nos seus diários de campo, nos seus artigos e no livro publicado por ela, o nome de Jôjô é grafado em letras maiúsculas acrescentado à data conforme as normas da ABNT. Nós percebemos que o Jôjô não informa apenas os dados etnográficos, os achados da pesquisa, ao mesmo tempo, ele é a referência teórica que a Nelma privilegia. O Jôjô aparece citado como qualquer outro antropólogo ou antropóloga que também realizou estudos na Aldeia Escalvado.

Nelma: Aí quando eu liguei para o Jôjô pra conversar, pra falar sobre a ideia do podcast, sobre esse diálogo, nossa troca de experiência, ele se lembrou da primeira vez que estive na aldeia com uma amiga, e ao se referir a essa amiga, ele comentou: “Ah! eu não caminhei com ela. eu caminhei contigo, caminhei com Carol...”. E aí, eu fiquei pensando nesse caminhar ao qual Jôjô se referiu. O Jôjô fala de um processo de aprendizagem que se deu caminhando, andando juntos.

<<Neste trecho gradativamente começa o ruído de um caminhar e farfalhar que dura pouco mais de 20 segundos>> mas eu entendo que é um caminhar juntos mesmo quando estamos parados, sabe, porque caminhar é, antes de tudo, um dialogar. Mas foram muitas as caminhadas/deslocamentos/aprendizagens que fizemos juntos, ao cemitério, a casa de um pajé, de um cantador... e nesse percurso a curiosidade de Jôjô só enriquecia ainda mais essa troca, e aí eu poderia chamar essa metodologia de uma antropologia peripatética. Eu lembro muito de uma caminhada até a casa de um cay que vou traduzir aqui como pajé, onde fui surpreendida pelos questionamentos do Jôjô. É algo, inclusive, que tá em um dos meus diários de campo...

Zane: Lembro aqui que esta passagem de uma “Antropologia Peripatética” aparece também registrado numa passagem da professora Soraya Fleischer exatamente no Episódio 7 exatamente na Primeira Temporada do Mundaréu. Nelma, vou pedir a licença para ler uma passagem do seu diário que achei bastante interessante que você conta como se deu essa passagem vivida com o Jôjô. É sempre muito bom quando esse tipo de material vem à tona, né, especialmente, para colegas da graduação e também mestrandas, né, todas nós. **<<ruído de página sendo virada, 2 segundos>>** No dia 26 de outubro de 2011, a Nelma escreveu assim no diário de campo dela: “A curiosidade de Jôjô, enriquece ainda mais essa nossa relação, pois dessa vez enquanto eu entrevistava o cay José Pedro Preto **<<sonora do campo da Nelma onde se ouve um cantador ensinando uma jovem a cantar no pátio da aldeia, ritualístico>>** fui surpreendida pelos questionamentos do Jôjô, queria saber qual a diferença entre curandeiro e feiticeiro. Perguntou-me ainda se um cay era curandeiro ou feiticeiro. Devolvi a pergunta: ‘o cay cura as pessoas ou pode jogar um feitiço contra alguém?’. Jôjô respondeu que o cay só cura, não faz maldade a ninguém, mas que o mesmo cobra pelos seus serviços. As perguntas não pararam por aí, quis saber de onde saiu a palavra pajé, assim pude explicar a partir de uma leitura recente que fiz do Melatti, que descreve a origem tupi desse termo. O Jôjô já me perguntou sobre os sonhos que indicam a morte entre nós cupê (não-indígena), já fez eu perguntar para o pajé Raimundo Roberto como ele fazia pra olhar mekarõ, as almas, e questionou-me ainda: “como é que vocês vestiram nós e agora vocês aparecem tudo nu na televisão?.” **<<ruído de página sendo virada, 2 segundos>>**

Nelma: **<<ao longo deste trecho, sonora do chamador convocando para o pátio da aldeia>>** Então, esse é um dos trechos do meu diário, né, que narra o que conversamos enquanto caminhávamos pelo cerrado maranhense, juntos, andando e andando, falando e falando bastante (risos). E aí o meu registro no diário demonstra como Jôjô me instigou de um jeito

diferente que eu não precisava ficar elaborando um roteiro de questões pra ele. Eu usava as perguntas dele sobre cupẽ, né, sobre o não-indígena, para eu saber sobre merrĩ, o indígena. E uma coisa que chamava minha atenção era que Jôjô também tinha cadernos onde anotava o início e término dos rituais e os nomes dos antropólogos que passavam pela aldeia, especialmente aqueles antropólogos com quem ele andava. Eu até brincava com ele: “Ah! Jôjô, você é antropólogo, teus diários aí de campo”. Ele: “Não, não, isso aí só vocês, vocês que são antropólogos”. A gente brincava muito com isso, dos diários, dos cadernos de campo dele. E aí, diante dessa nossa relação e dessa sistematização e curiosidade do Jôjô, não tinha como não referenciá-lo tal qual as demais fontes teóricas que são citadas ao longo da minha dissertação.

Zane: Na conversa com a Iranice, lá no Rio de Janeiro, essa parceria entre duas intelectuais, duas especialistas também acontece. A Clarice, por exemplo, convidou a Iranice em uma oportunidade para dentro da Universidade, né, dos processos de formação de futuras psicólogas que vão lidar com o espectro do autismo.

Iranice: <<som de fita k7>> Foi uma emoção grande, né, tá na UFRJ falando para alunos de Psicologia. Ela falou: “Você vai dar aula”. Eu falei, fica bem difícil pra mim, mas assim, foi uma satisfação imensa ter falado pra eles porque eu vi o olhinho deles, eu vi o olho brilhar, né, eles estavam prestando atenção em tudo que eu falava. E, assim, ela ter passado pra mim o capítulo do livro, né, que ela fez antes, gente é tudo aquilo ali, sou eu, sabe? Tá com nome diferente, não é o Paulo Igor que tá ali, é outro nome, por sinal o nome do meu irmão mais velho, né, que ela colocou. A Mônica tá ali, sabe, minha filha. Eu falei: “Gente, sou eu que tô no capítulo do livro, né”. E falar sobre esse capítulo foi muito satisfatório, foi muito bom. Então, assim, foi uma emoção imensa e, assim, é muito bom. Aí você vê tudo que você passou, entendeu? <<Clarice intervém, quem não ia entender nunca o que é autismo, né, Iranice? (risos)>> Pois, é. Exatamente. Pra médica falar que eu não ia entender o que era autismo, né. Cada mãe, cada pai, cada família, tem que ser especialista no seu filho. Não jogar seu filho na mão de qualquer pessoa pra falar: “Ah! Eu sou a especialista maior e você vai fazer o que eu estou mandando”. Porque você quem conhece seu filho. <<som de fita k7>>

Zane: Co-autoras em livros, professoras juntas na mesma sala de aula. Mas, deixa eu voltar ao Jôjô, que ainda continua falando da presença da Nelma na Aldeia Escalvado lá no Maranhão.

Jôjô: <<passarinhos ao fundo do ambiente>> Se acostumou, e viu a tradição, a cultura indígena mesmo. Ela aprendeu muita coisa, a tradição indígena, por isso, que eu tô valorizando a muitas a professora Nelma, que ela viu pessoalmente mesmo, de olho mesmo. E outra coisa também, quando chegaram aqui, na aldeia, a Nelma, aí, eu, sabe como é? Eu gosto de perguntar umas coisas, trocando, assim, faz de conta a língua, a língua, é, experiência. Eu perguntando as coisas, e ela também me perguntando, nós trocando. Assim, exemplo, aqui, “como é o jeito na cidade? E como é o jeito aqui? Eu também respondi. Assim, nós trocando experiência, não era de alguma coisa errada, não. Nós andamos muitos, assim, aqui, na aldeia, Aldeia Escalvado, Canela. Aí sempre... eu aprendi através dela, e ela também aprendeu através de mim. Isso que... ideia que nós tamo trocando, e botou coisa na minha cabeça, e até hoje eu tô levando na minha cabeça. E ela também, eu não sei se ela tá lembrando uma coisa que eu falei, nós trocamos ideias, eu disse algo: “Como é o jeito do merrĩ? Como é a floresta? Como é que anda?”.

Bloco Final: Fechamento

<<Música inicia e esmaece, entoa-se, Exu, Agradecer, Exu, Agradecer (bis), samba>>

Zane: Assim como a Clarice Rios, Nelma Rolande veio de outra área para exuzilhar o fazer antropológico. Aqui no Mundaréu, temos destacado a importância dos diálogos, né, entre os saberes para romper as fronteiras disciplinares. Então, eu queria saber de você Nelma, o que são esses exuzilhares? E como você tem experienciado tudo isso a partir da antropologia?

Nelma: Sabe, Zane, eu quero primeiro pensar que são muitos os exuzilhares nessa relação amiga com os Canela. Eu venho da graduação em Arte, depois, mestrado em Ciências Sociais e, atualmente, no doutorado em Antropologia. E aí eu tenho uma encruzilhada, Arte e Antropologia, a primeira encruzilhada, Arte e Antropologia. E o meu campo de pesquisa se constitui como mais outra encruzilhada, uma mulher negra na etnologia indígena. Então, aqui não é uma relação pesquisador-pesquisado, a relação aqui é negro-indígena, uma relação que tem sido bastante negligenciada em nossos temas de pesquisas. E aí quando você é uma pesquisadora negra do interior do Maranhão em uma aldeia indígena, nesse mesmo estado, eu considero que uma das vantagens está nas pareências, né, e nesse novo olhar que é resultado dessas encruzilhadas. Quando falo em pareências, estou pensando na minha avó que tecia um cofo, uma meansaba, meu avô que fazia roça de macaxeira, mandioca, milho... e meu bisavô pajé, sabe, em toda a minha vivência, que me permite uma aproximação com os Canela por essas vias do que nos entrecruzam, para assim chegar ao entendimento do que gerou em mim os estranhamentos. Eu entendo dessa forma.

Zane: Chegamos ao fim de mais um episódio da série O Mundo na Sala de Aula. Hoje, aprendemos um pouco mais sobre esse tipo de antropologia que se faz caminhando. Ouvindo as histórias da Clarice, Iranice, Jôjô e Nelma, pude perceber que esta prática torna-se possível quando nos desprendemos da caixinha de ferramentas elaborada na academia. O que isso quer dizer? Que as experiências descritas neste episódio foram possíveis porque aconteceram para além daquilo que foi gravado, fotografado, anotado. Foram as indagações do Jôjô que instigaram a Nelma, que mudaram o seu itinerário de pesquisa. Foram os passeios na Feirinha da Pavuna, mediados pelo ritmo e percepção do Paulo Igor, que fez a Clarice Rios ampliar sua compreensão de “quem é especialista em autismo?” Muitas vezes, é a mãe desta criança que lida com as delícias e descobertas do dia a dia, daquilo que escapa as sessões com a fonoaudióloga, daquilo que não é captado em teses acadêmicas. Espero que vocês tenham gostado e se inspirado nessas histórias. Antes de finalizar, agradeço a equipe Mundaréu na Unb e Unicamp, especialmente, minhas colegas do CEAD pela troca e parceria. Às professoras Daniela e Soraya pela oportunidade, confiança e incentivo. Às convidadas queridíssimas Clarice, Jôjô e Iranice. Saúde para você Jôjô. Siga firme! A Nelma Rolande agradeço pela parceria, paciência e generosidade. **<<Música Exu, Agradecer, samba, encerra aqui>>** Agradeço ao grupo “Filhos de Dona Maria” pela autorização da trilha sonora que embalou este episódio. Ouçam Filhos de Dona Maria! Apóiem!. Ouçam também os episódios anteriores desta série tão linda feita para e por estudantes!

Nelma: Eu quero agradecer o convite, eu fiquei super feliz. Na hora eu não entendi muito bem que o convite era para apresentar. Olha só a honra, né, tá aqui nessa parceria com a Zane do

Nascimento neste podcast. Brigadão mesmo! Quero agradecer à equipe do Mundaréu e meu agradecimento especial é pro Valdemar Guukiet-Canela mais conhecido como Jôjô, como ele diz no início deste podcast, o grande Jôjô, né, que alguns dias depois das narrativas dele sobre minha chegada na Aldeia Escalvado, ele foi hospitalizado, e ainda se encontra hospitalizado, mas vem tendo uma boa recuperação. Eu liguei pra ele no hospital e eu fiquei super emocionada com as palavras dele, ele disse, “Nelma, eu vou ficar bom, vou voltar pra Aldeia, e tu vai lá pra gente continuar nosso trabalho. Nós vamos ser amigos pra vida toda”. <<Nelma se emociona>> O Jôjô nunca foi um interlocutor, desculpa, gente, mas falar de Jôjô é sempre muito emocionante, o Jôjô nunca foi um interlocutor ou um informante. O Jôjô é um amigo, e um amigo pra vida toda, como ele diz. Brigadão!

Jôjô: E muito obrigados quem me ouviu, que eu já disse meu nome primeiro, que é mais conhecido por Jojô mesmo. E muito obrigado.

<< “Quem Canta”,, música alegre, Quem canta um canto aumenta um ponto\Ou corta um tanto e faz um conto\Quem conta ou canta aponta um ponto>>